

# ESPORTE E ESPÍRITO ROMÂNTICO: O CASO DO GOLFE<sup>1</sup>

**Luciana M. N. Peil**

Doutora – UFPEL

**Hugo Rodolfo Lovisolo**

Doutor - UERJ

## RESUMO

*Movidos por uma perspectiva filosófica e sociológica, a qual fundamenta uma tensão/simbiose entre razão e emoção no esporte e um comportamento social moderno ocidental de obtenção do prazer no devaneio tipicamente romântico, afirmamos: nossa relação com o esporte parece fundar-se sobremaneira em interpretações românticas que impulsionam a busca da satisfação/vivência dos devaneios, dos anseios de prazer. Da mesma forma, afirmamos que a atração pelo esporte é grandemente constituída pela linguagem e espírito românticos. O Golfe foi escolhido, entre outros esportes, por contemplar e ilustrar o Romantismo em suas características e dinâmica intrínseca. Em contrapartida, foi uma escolha provocativa, devido ao aspecto utilitário (acordos comerciais) flagrante neste esporte, o qual, a primeira vista, o descaracterizaria como romântico.*

## ABSTRACT

*Moved for a philosophical and sociological perspective, which bases a tension/symbiosis between reason and emotion on the sport and a social behavior modern occidental person of attainment of the pleasure in the typically romantic devaneio, we affirm: our relation with the sport seems to establish itself excessively in romantic interpretations that stimulate the search of the satisfaction/experience of the devaneios, of the pleasure yearnings. In the same way, we affirm that the attraction for the sport greatly is constituted by the romantic language and spirit. The Golf was chosen, among others sports, for contemplating and illustrating the Romantismo in its characteristics and intrinsic dynamics. On the other hand, it was a provocative choice, had to the utilitarian aspect (commercial agreements) instant in this sport, which, the first sight, would deprive of characteristics it as romantic.*

## RESUMEN

*Inspirados en una perspectiva filosófica y sociológica que fundamenta la visión del deporte como tensión/simbiosis entre razón y emoción, en cuanto conducta social moderna e occidental de obtención del placer en el devaneio típicamente romántico, afirmamos que nuestra relación con el deporte parece se fundamentar sobretudo en interpretaciones románticas que impulsan la búsqueda de la satisfacción/vivencia dos devaneos, de los deseos de placer. La atracción por el deporte, de forma semejante, estaría constituída por el lenguaje y espíritu romántico. El Golf fue escogido, en lugar de otro deporte, por contemplar e ilustrar o Romantismo en sus características e dinámica. Fue una opción provocativa, debido a sus*

---

<sup>1</sup> Este artigo é um resumo da tese de Doutorado da Prof<sup>a</sup> Luciana M.N. Peil, defendida em 24 de março de 2006 na Universidade Gama Filho.

*aspectos utilitarios (acuerdos comerciales) declarados en el Golf que, a primera vista, jugarían contra su caracterización a partir del romanticismo.*

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o esporte recebeu uma dura crítica fundamentada na razão instrumental derivada da Escola de Frankfurt. A Teoria Crítica do Esporte coloca em xeque o esporte e o ideal olímpico propagado através e para o esporte. Tecnicismo, rendimento, corpo-máquina, instrumentalismo, consumismo e mercantilismo são alguns dos termos chaves usados pela crítica. Dentro desta perspectiva, o Ser Humano<sup>2</sup> está automatizado, desprovido de criatividade e a razão é a grande mentora de seus atos. Autores como Jean-Marie Brohm e Theodor Adorno desenvolvem estas críticas influenciando diretamente autores nacionais como Elenor Kunz, Valter Bracht e Alexandre Vaz. Entretanto, não se trata aqui de refutar as teses desenvolvidas por estes autores, mas consideramos os aspectos por eles levantados como um contra-ponto, um tipo ideal contrário ao que desenvolvemos em nossa pesquisa, servindo, portanto, como uma baliza no transcurso de nossas idéias.

Iniciamos nosso trabalho discordando de um ponto de vista que percebe o esporte contemporâneo como uma atividade que menospreza o envolvimento emocional, subjetivo, criativo e até mesmo artístico na sua prática. O modo de pensar dominante nos textos acadêmicos caracteriza o esporte como negócio, como esfera do mercado; o rendimento esportivo como prejudicial para o corpo e a mente; e critica a crença no poder civilizador e de inclusão social do esporte. O esporte funcionaria como alienação e controle dos trabalhadores, sobretudo no passado, e de todos no presente.

Assim, sem desprezar a penetração da razão instrumental ou técnica no campo do esporte, nem sua crescente espetacularização, alguns autores de produção nacional, como por exemplo Hugo Lovisoló, insistem sobre o valor da emoção, sobretudo na construção do gosto esportivo, para sua sobrevivência. Matar a emoção na supremacia técnica significa a decadência do esporte.

Sem negar peremptoriamente os aspectos levantados pela crítica, apostamos na proeminência da emoção em nosso envolvimento com o esporte. Movidos por uma perspectiva filosófica e sociológica, a qual fundamenta uma tensão/simbiose entre razão e emoção no esporte e um comportamento social moderno ocidental de obtenção do prazer no devaneio tipicamente romântico, procuramos indícios suficientes para demonstrarmos a validade de nossas seguintes afirmações: nossa relação com o esporte parece fundar-se sobremaneira em interpretações românticas que impulsionam a busca da satisfação/vivência dos devaneios, dos anseios de prazer. Da mesma forma, afirmamos que a atração pelo esporte é grandemente constituída pela linguagem e espírito românticos.

Queremos aproximar considerações de filósofos românticos, predecessores ou influenciados pelo Romantismo para falarmos de aspectos que fundamentam o esporte, posto que o pensamento filosófico caracteriza-se por uma atitude de espanto e de crítica ao que parece estar estabelecido. Tratamos de aproximar, de modo exploratório, interpretações filosóficas da

---

<sup>2</sup> Utilizamos a expressão “Ser Humano”, nesta pesquisa, a partir dos pressupostos de HERDER que definem a existência humana como possuidora de uma essência, a “*Humanität*”, que objetiva a realização da vida humana no planeta Terra de maneira harmônica. HERDER, J. G. The present state of man is probably the connecting link of two worlds. In: BARNARD, F. M. (org.) *J.G. Herder on social and political culture*. Cambridge: Cambridge University Press: 1969.

condição humana nas afirmações feitas sobre o esporte, em particular sobre as tensões que formatam sua dinâmica, atração e o envolvimento emocional. Procuramos demonstrar que a bipolaridade é uma constante no comportamento humano, onde o dinamismo (ação recíproca) entre os pólos é a força que nos faz mover. Sensibilidade e criatividade de um lado e técnica ou razão de outro, são categorias acionadas no cotidiano da interpretação do esporte. O Ser Humano não é uma alternância destes princípios, mas reciprocidade entre os mesmos. Ao mesmo tempo, salientamos a importância e relevância do pólo romântico (emoção), em nosso comportamento social atual e especialmente no esporte.

O pensador romântico, a par de seus anseios pela restauração de valores perdidos em outro momento, valoriza e respeita a particularidade de cada época e lugar. Vivemos atualmente em uma sociedade acusada de consumista, sendo um consumo privilegiado o do espetáculo.<sup>3</sup> A visão crítica do esporte parte de alguns males que se expressam na comercialização do esporte e dos esportistas na espetacularização.<sup>4</sup> O senso comum aponta para o crescimento da racionalidade, do utilitarismo e do materialismo, no qual valores mais humanos estariam sendo desconsiderados em relação aos valores econômicos, por exemplo<sup>5</sup>. A racionalidade aparece como pedra fundamental de nossa sociedade ocidental. Campbell (2001), partindo do pensamento de Max Weber na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, coloca em xeque a visão do consumo como obra de um procedimento econômico que desconsidera a paixão e a imaginação. O autor confirma o elo entre o Protestantismo e o Capitalismo, aventado por Weber, e o estende afirmando que tanto os aspectos ascético e racional, quanto o aspecto sentimental deste movimento religioso, são vistos como contribuições para o desenvolvimento de nossa economia moderna. O Romantismo, portanto, com sua carga emocional, para Campbell (2001), é o fenômeno que sustenta grande parte do edifício do comportamento social moderno e ocidental.<sup>6</sup> Como contra-ponto, o autor nomeia o Puritanismo e sua racionalidade como o pólo necessário de contato.<sup>7</sup> Na realidade, a relação entre Puritanismo e Romantismo tornou-se uma relação inextrincável em nosso comportamento social moderno. A tentativa de desenvolver um caráter puritano através da supressão da emoção, entre outros aspectos, termina por criar traços românticos de personalidade ao favorecer, portanto, uma imaginativa vida interior, enquanto nega sua legitimação. Estamos diante da tensão produtiva, sendo ela a que provoca efeitos e não a polarização.

---

<sup>3</sup> Um trabalho importante que procura entender ao consumo na rede da cultura e do sistema social é o de DOUGLAS e ISHERWOOD, pouco citado, talvez por ter sido recentemente traduzido. DOUGLAS, M. e ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens, para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

<sup>4</sup> Quando retrocedemos no tempo acompanhando o esporte, parece que ele sempre foi espetáculo. O esporte espetáculo como produto recente merece ser revisto.

<sup>5</sup> A expressão “Utilitarismo”, nesta pesquisa, parte de um ponto de vista moderno atual, que supõe que a felicidade pode ser medida em termos econômicos.

<sup>6</sup> Em uma breve caracterização, pode-se dizer que o Romantismo é uma insatisfação com o mundo contemporâneo, uma inquieta ansiedade em face da vida, uma preferência pelo estranho e curioso, uma inclinação para o sonho e o devaneio, um pendor para o misticismo e uma celebração do irracional. Existe no Romantismo, uma tendência para o individualismo no sentido de valorização da originalidade. O prazer surge como o “*grande princípio elementar da vida*”.

<sup>7</sup> O Puritanismo é uma tradição de pensamento de intensa preocupação moral e religiosa com origem na Reforma Protestante e que pretende interpretar com rigor o sentido literal da Bíblia. O Puritanismo se caracteriza pelo conter das emoções e não pela falta delas; pelo racionalismo; pelo utilitarismo; pelo ascetismo; pela sobriedade e por ser contrário à ostentação. O prazer não pode ser o fim último, mas deve ser secundário e ter origem em atos exigidos por Deus ou apoiados pela razão.

A lógica cultural da modernidade mescla paixão e racionalidade, portanto, o dinamismo do ocidente depende da tensão gerada entre o Romantismo e o Puritanismo ou entre Romantismo e Iluminismo (LOVISOLO, 1990), isto é, depende da tensão entre o sonho e a realidade, entre o prazer e a utilidade, entre o material e o espiritual, sendo esta tensão a principal fonte energética que move nossa sociedade ocidental, assegurando a continuidade desta sociedade industrial que emparelha consumo e produção, diversão e trabalho.<sup>8</sup> Temos, então, a força produtiva da contradição, da tensão, do conflito. O esporte não é isso? Tensão, contradição, conflito, embora controlado?

Brooks (2001), corrobora o pensamento de Campbell, ao avaliar que hoje em dia está complicado fazer uma distinção entre a burguesia capitalista (caracterizada como materialista e utilitária, conformista, medíocre e pouco imaginativa) e a contra-cultura boêmia, que tenta tornar a vida ajustada ao princípio de valorização do prazer acima da utilidade, parecendo que estas categorias já não têm sentido por elas mesmas. Nesta simbiose, podemos ter um “*consumismo purificador*” e um “*capitalismo espiritualizado*”<sup>9</sup>, como coloca Brooks (2001, p.121):

*“Podes salvar a selva tropical, mitigar o aquecimento global,  
defender os valores dos Índios, apoiar as granjas familiares,  
difundir a paz mundial e reduzir as desigualdades econômicas  
sem sair do corredor dos refrigerados no supermercado.”*

Como salienta Campbell (2001), mais do que suprir necessidades por costume ou tradição, o Ser Humano da modernidade quer desfrutar intencionalmente, racionalmente e, portanto, de forma controlada, do desejo, ou seja, o consumo está se tornando intervenção política e moral. O esporte pretendeu ser isso desde sua fundação moderna.<sup>10</sup> O *fair-play*, enquanto vontade de vencer pela lealdade, pretende operar como mediador das tensões simbióticas entre emoção e técnica no esporte. Somos isto (burgueses, técnicos) e aquilo (boêmios, sensíveis e emocionais).

O Hedonismo Moderno de Campbell (2001), é uma forma ilusória de hedonismo, autônomo e moderno, que se manifesta comumente como uma disposição para devanear e fantasiar, atitudes características do Romantismo e que proporcionam o apoio ético para este padrão de consumo característico de nossa atualidade. A presença da novidade é exigida e as alegrias do anseio rivalizam com as da verdadeira satisfação, em uma interação dinâmica entre a ilusão e a realidade.

O esporte parece ser também um óbvio reflexo da tensão entre o prazer e a utilidade e assim, também dependente do Hedonismo Moderno no qual, portanto, o Romantismo tem papel

---

<sup>8</sup> O Movimento Iluminista caracteriza-se pela presença de um forte racionalismo, pela desconfiança em relação à religião e às autoridades tradicionais. Segundo BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. , o Iluminismo está associado a uma concepção materialista dos Seres Humanos, a um otimismo quanto a seu progresso por meio da educação e a uma perspectiva em geral utilitarista da sociedade e da ética.

<sup>9</sup> Ver também LOVISOLO, H. & LACERDA, Y. Reencantando as quadras: Basquete e espiritualidade. In: *Revista estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV, V. I, nº 23, 1999.

<sup>10</sup> Aqui vale ressaltar a figura do Barão de Coubertin. Este homem, de extrema visão, ao reeditar os Jogos Olímpicos na Modernidade apostando no ideal do Olimpismo, apesar da origem Iluminista, mostra-se um romântico na medida em que demonstra uma insatisfação com o estado das coisas e se inclina para o sonho e o devaneio de um mundo melhor e harmônico, onde o resgate do antigo busca o avanço em um vanguardismo sui-generis. O Olimpismo pode ser considerado uma utopia romântica.

fundamental. Percebe-se facilmente a simbiose entre os dois aspectos, sobretudo, no arco compreendido entre o esporte negócio e o esporte paixão. Se a perspectiva romântica estiver subjugada ao predomínio de crenças materialistas e utilitárias, parece muito provável que o esporte poderá ser empregado mais com vistas ao lucro do que em outro sentido. Mesmo neste caso, de acordo com Lovisolo (1997), o esporte deverá emocionar e proporcionar prazer para que possa ser um bom negócio, um espetáculo, onde o devaneio tem papel fundamental. O esporte é representação, possibilidade de transformação e de fruição. Assim, o sonho, o devaneio, a busca do prazer, a coragem de arriscar, o anseio pela novidade, são aspectos sempre presentes neste fenômeno que envolvem todos os participantes (atletas, assistência, árbitros, etc).

Cabe aqui ressaltar a contribuição de Norbert Elias para fazermos algumas ressalvas e ao mesmo tempo buscarmos apoio a nossas idéias. Contrariamente a Elias & Dunning (1992), sob o ponto de vista desenvolvido em nosso trabalho, nem catarse nem mimese são necessárias. O esporte não está em lugar de outra coisa, não substitui, não é um meio, embora possa sê-lo em determinadas circunstâncias. Ele constitui parte da busca constante do sonho, do devaneio, característica do comportamento social atual e que associa inexoravelmente razão e emoção na “*busca da excitação*”, como sugerem os próprios autores Elias & Dunning (1992). Uma espécie de tensão, um excitação agradável, faz os sentimentos fluírem mais livremente na prática do esporte. Podemos também dizer, que O “*processo civilizatório*” nos esportes, parece estar justamente no trabalhar e desenvolver a simbiose existente e a simbiose possível entre razão e emoção, quando cada um vive o esporte, o que pressupõe uma maior responsabilidade e um autocontrole que nos remete mais uma vez à valorização do **eu**, que pode encontrar nos sonhos seu prazer e válvula de escape. No espetáculo esportivo, esta tensão/simbiose parece ser mais visível do que em outras manifestações da cultura, o que permite sugerir realmente algum significado universal ao esporte, isto é, algo que é percebido por todas as culturas, a sua maneira, e que faz com que seja admirado por todas elas. O esporte pode ser campo de uma conciliação dialética da aparente oposição entre razão e emoção. Esta conciliação dialética pressupõe, com base em Lovisolo (1990), uma dinâmica articulação precária – posto que mutável - entre os pólos onde está calcada nossa sociedade ocidental. A conciliação talvez passe exatamente pelo primeiro passo de se admitir e valorizar esta simbiose no esporte. Parodiando o poeta Ivan Junqueira, o esporte pode ser palco para a emoção pensar e a razão se emocionar, na busca de um ideal que embora talvez inalcançável, não deve ser abandonado: A utopia romântica em ação.

## **COMO FOI FEITO**

Este trabalho desenvolve-se no campo da Educação Física, na área de esporte e cultura, valendo-se, portanto, de conhecimentos da Filosofia, da Sociologia e da Antropologia. Este é um estudo eminentemente qualitativo, como pressupõe o próprio tema em questão. Neste estudo o Romantismo é o fio condutor da nossa compreensão de esporte, sendo a Analogia e a História o viés metodológico que procura dar conta dos pressupostos aqui desenvolvidos. A Analogia fala de uma “*viscosidade*” (MAFFESOLI, 1988p.153), que agrega todo o meio circundante e nos força a não mais proceder por discriminação, mas por integração.

## **POR QUE O GOLFE?**

Na busca de validar nossas hipóteses, encontramos no Golfe o pretexto ideal. A primeira vista, o Golfe mostrava-se como contrário aos valores românticos por ser burguês e exigir altos recursos para sua prática. Porém, se o Romantismo e sua linguagem fazem o Golfe enquanto esporte, bem como suas emoções, podemos pensar que isto se repete em campos menos “burgueses” e mais “boêmios” de prática esportiva. Portanto, o Golfe foi escolhido, entre outros esportes, em parte por seu aspecto romântico intrínseco, como veremos no transcorrer desta pesquisa, e em parte de forma provocativa, devido ao aspecto utilitário (acordos comerciais) flagrante neste esporte, o qual, a primeira vista, o descaracterizaria como romântico.

## O ROMANTISMO

O Romantismo, enquanto ideário e estilo literário, surgiu na Europa na segunda metade do século XVIII e é considerado um dos maiores acontecimentos do mundo ocidental na modernidade. Mais do que um movimento literário e artístico, o Romantismo é uma atmosfera que a tudo envolve, é uma “*epidemia espiritual*” (PAZ, 1984, p.84), que continua impregnando nossos fazeres e nosso imaginário.

O Romantismo foi uma mudança nas crenças ocidentais. Ele foi uma conseqüência e uma forte reação ao Movimento Iluminista, o qual caracteriza-se principalmente pela presença de um forte racionalismo (LOVISOLO, 1990). O Romantismo pode manifestar-se de várias formas, mas o que deve ficar claro é que na base de quaisquer destas manifestações, estão a unidade de princípio, a organicidade, o retorno à natureza, a autenticidade, a originalidade, a criatividade, a genialidade, o pertencimento, a paixão, o misticismo, a valorização da irracionalidade, do sentimento e a busca do prazer como o grande elemento propulsor da vida.

Muitas críticas são sistematicamente feitas ao Romantismo, mas o que se pode verificar é que desde de seu advento ele continua a influenciar tremendamente o mundo atual.<sup>11</sup> Como lembram Löwy & Sayre (1995), é claro que hoje em dia, assim como no século XIX, o Romantismo está submetido a uma dura concorrência com o Utilitarismo e o Liberalismo, por exemplo, mas talvez também se possa dizer que esta concorrência é salutar e desejável, na medida em que, como o próprio Romantismo diz, o contraste é necessário. O Romantismo apresenta-se, então, como o grande articulador e crítico da vida moderna atual. Para os românticos, a razão só possui “razão” quando guiada pela emoção. Como lembra Zanini (2002), o Romantismo é uma participação efetiva no processo cultural que trouxe dimensões novas à consciência da humanidade, trazendo uma mensagem que fala de coesão sem a exclusão da diferença que identifica cada cultura e cada pessoa como únicos.

O Romantismo não é ingênuo nem inconseqüente, mas ele tem a coragem de valorizar aspectos que não se podem medir, apenas sentir. O Romantismo é uma enorme rede de manifestações que perpassa todos os setores da vida humana com apenas um propósito: o reencantamento do mundo através da busca de uma possível nova unidade com a natureza, na qual se respeitem todos as nuances do comportamento humano e sobretudo, o cultivo de uma cultura que não despreze o passado, mas se entenda realmente orgânica e não dividida entre dois princípios. A grande função da utopia é nos levar sempre à frente, quem sabe resgatando promessas e realizações anteriores, sem negar o presente e nos fazendo sonhar com um futuro melhor.

---

<sup>11</sup> A respeito da crítica, verificar SCHMITT, C. *Romanticismo Político*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Ediciones, 2001.

## A LINGUAGEM ROMÂNTICA E O ESPORTE

Logo após, abordamos a linguagem romântica e sua projeção no esporte. Ao discorrer sobre este tema, levantando autores e discutindo as idéias, podemos dizer que a linguagem simbólica de que se servem os românticos é um discurso que se vale de artifícios que estimulam nossa imaginação e criatividade através de figuras que evocam nossas emoções e, desta forma, acontecendo a expansão do símbolo na interpretação e tornando então explícito o que está implícito no mesmo, sem jamais esgotá-lo, mas objetivando uma ação, uma mudança de comportamento ou reflexão sobre o mesmo. A linguagem romântica, despojada de virtuosismos técnicos, mas calcada em sentimentos, é rica, porque aproxima as emoções ao usar a palavra mais visceral que é expressa pela linguagem falada corriqueira, a prosa. A linguagem romântica/poética propicia o autoconhecimento ao percebermos que a expressão dos sentimentos, das emoções vividas no íntimo de cada um, é propulsora de ações e, portanto, de transformações e/ou afirmações. A linguagem, para os românticos, é um processo analógico que torna perceptível a união dos heterogêneos, assim satisfazendo os anseios românticos de integração e valorização das diferenças que se articulam com base no princípio único que propõe a síntese.

A linguagem do gosto (LOVISOLO, 1997) traz em baila a valorização da autenticidade, da originalidade, da criatividade própria de cada um. Existe através dela a valorização do eu, do eu individual e do eu coletivo, expresso, por exemplo, na identidade nacional. Podemos dizer que a linguagem do gosto encontra eco na linguagem simbólica dos românticos ao permitir e privilegiar o devaneio criativo que salienta as individualidades mas deseja a integração. A linguagem romântica no esporte busca vencer a angústia da cisão e vê no próprio esporte a possibilidade da integração almejada pelos românticos. O pertencer ao esporte nos habilita a partilhar de uma mesma linguagem que fala predominantemente de paixão e não de razão.

## O CINEMA, O GOLFE E O ROMANTISMO

Recordando que depositamos no Golfe nossas expectativas de encontrar neste esporte peculiar as confirmações de nossas hipóteses de trabalho e possuindo por base o acima exposto, em um terceiro momento relacionamos o Cinema, o Golfe e o Romantismo. Cinema e esporte são fenômenos extremamente significativos em nosso mundo contemporâneo. O Cinema e o esporte estão entre as linguagens mais difundidas no século XX. Muito mais do que o aspecto do lazer, as relações entre Cinema e esporte estão fundadas nas representações, sentidos e significados da modernidade atual. Podemos dizer que tanto um quanto o outro se apropriou do apelo ao imaginário constante em cada um deles, surgindo daí um casamento feliz que procura satisfazer anseios românticos e tipicamente atuais como por exemplo a busca de uma emoção controlada, como confirma Melo (2003 e 2005), ao estudar memórias do esporte no Cinema brasileiro.<sup>12</sup> Na interpretação das obras cinematográficas fica expressa a percepção de que cada um dos filmes trabalha dentro de uma perspectiva de reencantamento do mundo através de sua mensagem de valorização dos aspectos sensíveis em detrimento dos aspectos utilitários, o que, de certa forma, pode ser tomado como uma crítica à sociedade por

---

<sup>12</sup> A respeito da aproximação entre Cinema e esporte, olhar também: DACOSTA, L. Jogos olímpicos e cidade. In: MELO, V. & PERES, F. (orgs.) *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Ed. Senac nacional, 2005.

hora estabelecida<sup>13</sup>. Nas películas observadas, o Golfe mostra-se como o grande fim e meio de nossa integral realização humana, evidenciando uma abordagem e uma linguagem românticas.

## OS GOLFISTAS FALAM

Por fim, discorremos sobre as entrevistas realizadas com os golfistas. O processo interpretativo permitiu a apreensão de dados que confirmam nossas afirmações preliminares neste trabalho. A fala dos golfistas deixou perceber que o Golfe é encarado muito mais por seu aspecto passional do que por seu aspecto utilitário, por assim dizer. O discurso da crítica, que coloca o esporte como algo que leva à automação, à alienação, à valorização apenas do vencedor, à espetacularização como prejudicial ao melhor aproveitamento do esporte na sociedade, aos desmandos do capital, entre outros aspectos, não encontrou eco nos discursos proferidos. Estes aspectos levantados pela crítica não são desprezados em nossa análise, mas não são os fatores que impulsionam e que efetivamente intermediam nossa relação com o esporte. Em que pese estas críticas, é fato que o prazer da prática (seja como atleta, como técnico, como torcedor, etc.), é o grande atrativo que nos mantém no esporte e que mantém o próprio esporte. No fundo destas críticas talvez exista um componente romântico, posto que reclamam por um esporte não maculado que não sabemos se alguma vez existiu. Como lembra Lovisolo (1990 e 2002), estas críticas parecem conciliar a perspectiva iluminista (um dever ser do esporte) e a perspectiva romântica (o ser do esporte), o que, dizemos nós, de acordo com os pressupostos que fundamentam este trabalho, é um comportamento recorrente em nosso modo de ser atual.

O esporte se constrói em sua prática por quem o pratica. Nesta prática são construídas as representações, os significados e os valores do esporte. O Golfe no Brasil é praticado pela classe média/alta e, devido a vários fatores, é um esporte caro. Não é um esporte “massificado” como o Futebol<sup>14</sup>. Os praticantes de Golfe no Brasil podem ser classificados como pertencentes a alta burguesia, inclusive com alguns representantes da nobreza nacional.<sup>15</sup> Portanto, o Golfe brasileiro pode-se chamar de burguês, o que, grosso modo, não o habilitaria como algo romântico. Entretanto, o Golfe burguês nacional apresenta-se com interpretações românticas, fato que consolida as afirmações de Campbell (2001) e Brooks (2001), quando desenvolvem a idéia de que burguesia e boemia são nuances de um mesmo comportamento social atual, onde o pólo emocional possui importância fundamental. Podemos dizer que especialmente em relação às relações sociais no campo de Golfe, existe uma simbiose entre o prazer e a utilidade, porém, o prazer da prática mantém-se como o grande propulsor.

No desafio do campo; na busca do Swing ideal; na realização do Golfe perfeito; nos significados do Golfe; no relacionamento social no campo; na pendenga entre Amadorismo e Profissionalismo, todos os pressupostos românticos são fortemente encontrados.

O campo de Golfe é uma estrutura viva e orgânica e o jogador deve a ela se integrar. O campo é único, posto que não existe um campo igual ao outro em todo o planeta e, até mesmo cada campo a cada dia mostra-se diverso. É uma metonímia da natureza. Cada campo de Golfe

---

<sup>13</sup> A ver: Lendas da vida (The legend of Bagger Vance – 2000); Bobby Jones – A lenda do Golfe (Bobby Jones: Stroke of genius – 2003); A história de Tiger Woods – Vida de campeão (The Tiger Woods story – 1998)

<sup>14</sup> Nossa vizinha Argentina, também uma apaixonada por Futebol, possui, comparada com o Brasil, um número imenso de praticantes de Golfe.

<sup>15</sup> Leia-se Dom Euder de Orleães e Bragança.



tem sua personalidade e temos que aprender a com ela conviver, compreendendo e aceitando seu desafio. O campo é o grande companheiro e o grande oponente. Jogamos com o campo e o campo joga conosco, em um “jogo” provocador e estimulador de nossa originalidade. Cada golfista tem no próprio Golfe um parceiro profícuo para a demonstração da jogada única (a obra de arte esportiva), que é o resultado da união do talento individual com o desafio do campo. Decifrando o campo, nos entendemos orgânicos e retornamos a uma inteireza uma vez perdida.

O Swing é próprio, íntimo, pessoal e autêntico. Encontrar seu “balanço” é encontrar sua própria forma de expressão. Aos românticos importa exprimir-se deixando clara sua marca pessoal. Acima da moderação, da proporção e do movimento claramente definido, estão o autor (criador) e a expressão de sua “alma”. O Swing ideal flui quando jogador, taco, bola e campo se fundem e se tornam um. Nesta irracionalidade deixamos aflorar a unidade.

O Golfe ideal está muito mais no devaneio impulsionado pelo prazer e pelo gosto pela atividade, do que pelo uso da razão prática que desemboca na utilidade. Quando se joga o Golfe ideal, nossa humanidade é plenamente exercida na liberdade e criatividade de cada um. É o devaneio criativo onde interagem a ilusão e a realidade. Existe uma entrega ao jogo a ponto de sermos “jogados” pelo jogo e tomados pela vertigem. O Golfe ideal fala de total entrega e organicidade.

O Golfe se apresenta com uma certa “virtualidade” de sentido, posto que sujeito aos mais variados olhares e vivências, mas sempre orientado pelo prazer da prática. A liberdade de se praticar o Golfe por que se quer, reafirma o gosto e, portanto, a identidade. O gosto pelo esporte muitas vezes vem acompanhado pela utilidade. Jogamos Golfe pelo prazer de jogar, mas temos o dever de aproveitá-lo seriamente e jogá-lo da maneira o mais eficiente possível. Assim, conciliamos prazer e utilidade de maneira confortável. O Golfe pode sintetizar a própria vida, por si orgânica. O Golfe não está à parte, ele faz parte, ajudando a compor o todo. O Golfe forma uma comunidade unida pela paixão, linguagem e valores. Estar no Golfe é pertencer a um todo que nos identifica e fortalece. O Golfe é espaço para o exercer da autenticidade.

O Golfe propicia a integração social e solidifica a comunidade esportiva que se identifica pela linguagem e interpretações do Golfe, expressas na paixão e na entrega ao todo do esporte em um processo que aproxima e atrai. O tempo despendido no Golfe confirma-se como o grande motivador da sociabilização e da conseqüente oportunidade de negócio, mas, reiteramos, o prazer da prática é a espinha dorsal destes comportamentos. Tensões internas movem o Golfe, nas quais, prazer e utilidade beneficiam-se mutuamente.

Amadores e profissionais compartilham do gosto e da paixão pelo Golfe. Independentemente da idéia de que talvez o Golfe procure preservar o ideal amador para na realidade preservar aquela certa “aristocracidade” no esporte, permanece o fato de que as opiniões dos golfistas entrevistados vão muito mais na direção do gosto pela prática do que na direção da preservação de um reduto da “nobreza”. Para os golfistas, o apelo romântico do amadorismo encontra-se na prática do esporte pelo gosto e na recuperação de um esporte uma vez imaginado original e mais puro.

### **ASSIM...**

A tensão entre paixão e utilitarismo, entre emoção e razão, move e continuará movendo nosso comportamento na atualidade, em que a paixão, revelada por um comportamento e linguagem românticos, tem papel fundamental. Não necessitamos escolher

entre duas formas de viver a vida. Podemos ser “isto e aquilo” sem que o peso da consciência atrapalhe o desfrutar da vivência do esporte. O esporte não é menos por estar perpassado por valores utilitários, mas ele é mais por contemplar nosso gosto que nos identifica como quem somos, Seres Humanos guiados pela utopia romântica de uma perfeita integração na unidade e organicidade de todas as coisas, tentando resgatar a inteireza uma vez perdida e aproximando-nos de nossa plena humanidade.

## REFERÊNCIAS

- BROOKS, D. *Bobos en el paraíso. Ni hippies ni yuppies: un retrato de la nueva classe triunfadora*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 2001.
- CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Disfel, 1992.
- LOVISOLO, H. *Educação popular: maioria e conciliação*. Salvador: UFBA, 1990.
- LOVISOLO, H. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- LOVISOLO, H. Sociologia do esporte: viradas argumentativas. In: *XXVI Encontro anual da ANPOCS*. São Paulo: ANPCO, 2002. V. I
- LÖWY, M. e SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. Brasília: Editora Brasiliense, 1988.
- MELO, V. Memórias do esporte no cinema: Sua presença em longa – metragens brasileiros. In: *Revista brasileira de ciências do esporte*. Campinas: CBCE, V. 25, nº 1, Set. 2003. p. 173 – 188
- MELO, V. Esporte e cinema: Diálogos – As primeiras imagens brasileiras. In: *Revista brasileira de ciências do esporte*. Campinas: CBCE, V. 26, nº 2, Jan. 2005. p. 21 – 37
- PAZ, O. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ZANINI, W. A arte romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.) *O romantismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Dr<sup>a</sup>. Luciana M. N. Peil  
Dr. Hugo Rodolfo Lovisolo  
[lupeil@ufpel.tche.br](mailto:lupeil@ufpel.tche.br)  
Comunicação oral  
Data-show